

Imagens que relampejam: reminiscências das lutas sociais dos canavieiros nos imaginários sociológicos de estudantes secundaristas, Leme/sp.

Rafael Aroni³⁷

Resumo

Recentemente, no Estado de São Paulo observa-se progressiva diminuição dos postos de trabalho de canavieiros, influenciada pela mecanização e pelo Protocolo Agro-Ambiental do Setor Canavieiro Paulista, de 2008. Frente à ideologia do progresso que opera pelo apagamento de processos de embate entre capital e trabalho, aventou-se o desafio de perscrutar a memória coletiva sobre as lutas sociais, empreendidas por essa categoria, na década 1980. Objetivou-se o processo de rememoração da greve dos trabalhadores canavieiros de 1986, no município de Leme/SP, a partir das imagens sociais aprendidas por estudantes secundaristas, alguns filhos da primeira ou segunda geração de trabalhadores rurais. A metodologia empregada foi a pesquisa e leitura de matérias de jornais do período para a elaboração de painéis de ideias.

Palavras-chaves: greve de canavieiros, rememoração, ensino de sociologia.

Abstract

Recently, the State of São Paulo there is a gradual decrease in jobs from sugarcane, influenced by mechanization and the Agro-Environmental Protocol of the Sugarcane Industry Paulista, 2008. Front of the ideology of progress that operates by erasing processes clash between capital and labor, has envisaged himself the challenge of scrutinizing the collective memory of the social struggles undertaken by the class, in the 1980s. Aimed to the process of remembering the sugarcane workers' strike of 1986 in the city of Leme / SP, from social images learned by high school students, some children of the first or second generation of rural workers. The methodology was the research and reading newspaper reports of the period for development of ideas panels.

Keywords: strike sugarcane, memory, the teaching of sociology.

³⁷ Curriculum Vitae: Mestre em Sociologia pela Universidade Federal de São Carlos (2010), graduado em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas (2008), Professor de Sociologia Efetivo (PEB II) na Rede Pública do Estado de São Paulo (2011), Estudante de Direito Universidade de Ribeirão Preto (UNAERP), 5 semestre.

I – Introdução

A década de 1980 foi marcada por lutas sociais no meio agrário paulista, dentre elas, a revolta popular dos trabalhadores rurais canavieiros de Guariba, em 15 de maio de 1984. Fato social abordado na sociologia rural pela perspectiva de proletarianização e sindicalização dos trabalhadores rurais. Entretanto, aventa-se a hipótese da necessidade de estudos sobre como a tradição de lutas camponesas, por exemplo, nos eventos dos saques as feiras, comuns no interior do Sertão Nordestino, em momentos de carestia, como no final da década de 1970, podem ter influenciado este contexto. Como já dito, é comum aos trabalhos acadêmicos apresentarem a importância daquelas lutas travadas como experiências irradiadoras da sindicalização para a mobilização de outras greves de trabalhadores rurais como as dos municípios de Leme, Araras, Serrana (BERTERO, 1995).

Neste artigo são apresentados resultados do projeto intitulado de Memória Viva das Lutas dos canavieiros de Leme, cuja proposta buscou a rememoração das lutas canavieiras, empreendidas, na década de 1980, no município de Leme, Estado de São Paulo. Amparado no referencial teórico do materialismo histórico de Walter Benjamin, remete-se as reflexões do imaginário sociológico em se acessar formas de se reconstruir a memória, pelas atuais gerações de estudantes secundaristas, deste embate entre capital e trabalho. Ressalta-se que alguns estudantes, são descendentes de trabalhadores rurais que participaram daquelas lutas sociais. Trabalha-se com a hipótese de perscrutar se a greve canavieira ainda permanece no imaginário cotidiano, e quais seriam as contribuições daquele fato para formação do imaginário sociológico de novas gerações de estudantes de em uma escola pública³⁸?

Assim, um dos objetivos do presente trabalho é identificar se permanecem reminiscências das lutas sociais ocorridas, e como podem ser construídos processos de mediação de relatos intergeracionais, sobre a greve de 1986, a partir de pesquisa dos estudantes da escola pública em Leme/SP.

Como dito, essas questões e proposições estão fundamentadas teoricamente pelo materialismo histórico de Walter Benjamin, pela rememoração de Paul Ricouer, em que não se nega as reminiscências das subjetivas pesquisadas na objetivação da história, e amparado também pela metodologia da didática de composição de painéis de ideias (ANTUNES 2010).

As atividades pedagógicas realizadas foram: 1) a apresentação e construção do conhecimento sobre a metáfora do anjo da história proposto por Walter Benjamin, a partir da obra *Angelus Novus* (1920), de Paul Klee; 2) leitura de trecho *Memória Póstuma de Brás Cubas*, de Machado de Assis, sobre o encontro do personagem com Pandora; 3) posterior vinculação dos vídeos: *Califórnia Brasileira e Guariba 1984*, de José Roberto Novaes e Francisco Alves; 4) leitura e análise de texto, de dez reportagens, do jornal *Folha de S. Paulo* e *Processo Judicial*, sobre os fatos, os quais retrataram os fatídicos acontecimentos da greve de Leme, no dia 11 de julho, de 1986. Naquele dia ocorreu o conflito entre aproximadamente 162 policiais militares que cumpriam a ordem de *habeas corpus* preventivo para livre circulação dos ônibus que transportavam os trabalhadores que não aderiram à greve, frente aos piquetes realizados por aproximadamente 600 trabalhadores canavieiros grevistas. O embate vitimou os jovens Orlando Correa

³⁸Escola Estadual Newton Prado, estudantes do 2º e 3º colegiais.

(Trabalhador Rural, branco, 22 anos) e Sibebe Aparecida Manoel (Trabalhadora Doméstica, negra, 17 anos), ambos atingidos por projéteis de arma de fogo, que também feriu gravemente 8 trabalhadores. Outros 10 grevistas, entre trabalhadores, dirigentes sindicais e políticos ligados ao Partido dos Trabalhadores (na ocasião estavam presentes José Genuíno, então deputado estadual, Djalma de Souza Bonn, deputado federal) apresentaram contusões e escoriações.

Assim, ao se sondar a memória coletiva sobre os polêmicos acontecimentos daquele movimento grevista, buscou-se identificar se eles ainda permanecem presentes no cotidiano da memória coletiva da cidade, e como podem ser construídos os relatos intergeracionais, a partir das ações em se despertar o imaginário sociológico de estudantes secundaristas. O percurso relatado caracterizou processos possíveis de como os próprios estudantes puderam construir a história deste fato, com pesquisas junto a fontes primárias, sujeitos que participaram do movimento grevista, e fontes secundárias como reportagens de jornais.

Partiu-se da perspectiva da rememoração da greve, como uma prática pedagógica com potencial de instrumentalizar as novas gerações, principalmente, pelo fato delas estarem desconectadas das memórias dessas lutas históricas. Outra faceta importante deste fenômeno de desconexão são os desafios sociais que se avolumam, com a perspectiva do fim do trabalho canavieiro, e elevação da taxa de desemprego³⁹ concomitante a situações de precarização de relações de emprego e informalidade, nas famílias de alguns destes estudantes.

II – Das reminiscências à memória

Nesta apresentação partiu-se da orientação do trabalho do sociólogo, enquanto mediador entre as reminiscências da greve, cristalizadas nos jornais e processo judicial, e as imagens das memórias produzidas pelos jovens de escolas públicas sobre esse acontecimento.

Os fundamentos teóricos para construção deste processo parte da sexta tese proposta por Walter Benjamin, sobre o processo do materialismo histórico em se trabalhar com as reminiscências. Portanto, buscam-se os significados em vestígios do presente, das derrotas e opressões sofridas em lutas sociais do passado. Principalmente, ao reintroduzir conhecimentos dessas memórias que são gradualmente apagadas, mas que ainda estão ocultamente preservadas. Conforme aponta Benjamin, na citação abaixo, a ruptura desses elos das forças sociais intergeracionais é o maior perigo de que as novas gerações sejam subsumidas, enquanto instrumentos para exploração do capital, e que pouco conheçam o histórico de lutas no embate entre capital e trabalho.

Articular historicamente o passado não significa conhecê-lo “como ele de fato foi”. Significa apropriar-se de uma reminiscência, tal como ela relampeja no momento de um perigo. Cabe ao materialismo histórico fixar uma imagem do passado, como ela se apresenta, no momento do perigo, ao sujeito histórico, sem que ele tenha consciência disso. O perigo ameaça tanto a existência da tradição como os que a recebem.

³⁹ Em março de 2008 foi assinado o Protocolo Agroambiental, entre o governo de Estado e a Organização dos plantadores de Cana da Região Centro Sul do País (principal fornecedora de cana do país) o qual estabeleceu o cronograma gradativo de eliminação do trabalho do corte manual da cana com a data de 2014 para mecanização completa de terrenos com menos de 30 graus de declividade, e 2017 para áreas que apresente aquela topografia, o que representará importante impacto no número de postos de trabalhos de cortadores de cana.

Para ambos, o perigo é o mesmo: entregar-se às classes dominantes, como seu instrumento. Em cada época, é preciso arrancar a tradição ao conformismo, que quer apoderar-se dela. Pois o Messias não vem apenas como salvador, ele vem também como o vencedor do Anticristo. O dom de despertar no passado as centelhas da esperança é privilégio exclusivo do historiador convencido de que também os mortos não estarão em segurança se o inimigo vencer. E esse inimigo não tem cessado de vencer. (BENJAMIN, 1940, p.7, grifos nossos).

Quando das primeiras indagações aos estudantes secundaristas, sobre os conhecimentos que detinham da greve dos canavieiros de 1986, de forma unânime, obteve-se a negativa sobre esses fatos. O tema da greve, enquanto instrumento legítimo da classe trabalhadora por reivindicações de direitos políticos, sociais e humanos, apresentava-se apenas como um tópico de história, dentro do conteúdo do currículo de Sociologia, para o Ensino Médio do Estado de São Paulo. Fenômeno conhecido, mas estático em gravuras do livro didático que remetiam à Inglaterra, do século XIX.

Ao se questionar sobre a trajetória de familiares que trabalharam ou trabalham no corte de cana, permitiu-se o início do contato desses jovens, com a materialidade das condições de trabalho e vida dos canavieiros. Posto que alguns as vivenciam e as conhecem, a partir da experiência de seus próprios familiares (pais, mães ou irmãos). Este foi processo de conexão gradual, com uma realidade que não está cristalizada no passado, e que produz efeitos de forma a permanecer no presente. Esse processo pedagógico de reflexão foi o que impulsionou o primeiro pedido de pesquisa aos alunos, para que buscassem artefatos materiais, que ainda preservam a memória da greve dos canavieiros de 1986, na cidade de Leme, o qual será apresentado no próximo tópico.

Assim, inscrito na perspectiva do materialismo histórico de Benjamin, os pontos teóricos que orientam essa ação de rememoração partem do desafio em não se resgatar o passado, exatamente como uma reprodução dos fatos ocorridos. Até porque, ainda permanecem polêmicas as interpretações sobre as intenções das forças sociais envolvidas naquele movimento de greve e os resultados obtidos. Isso por que, ao se consultar os jornais de vinculação nacional do período e o processo judicial, constatou-se que os dois casos de homicídios dos trabalhadores, ocorridos no embate entre policiais militares e canavieiros grevistas, permanecem inconclusos. Mesmo após exames periciais nas armas utilizadas pelos policiais, e que instruíram o processo, ainda não se sabe até hoje de onde partiram os tiros.

Na madrugada do dia 11 de junho de 1986, a morte da empregada doméstica Sibebe Aparecida Manoel (negra, 17 anos) que participava e apoiava o movimento dos piqueteiros, ocorreu quando ao correr da tropa de choque da Polícia Militar que dispersava os canavieiros grevistas, foi atingida na axila esquerda por projétil de arma de fogo, o qual transfixou seu corpo, sendo a causa da morte atestada por hemorragia interna aguda. No caso do trabalhador rural, Orlando Correa (branco, 22 anos), ele encontrava-se afastado por acidente de trabalho, após se ferir na perna esquerda com o podão, no corte de cana. Mesmo, assim, estava apoiando os piquetes. Na ocasião do conflito foi atingido na região do peito à altura do bolso direito da camisa, o projétil transfixou seu coração, sendo a causa da morte também atestada por hemorragia interna aguda.

Assim, cabe indagar o porquê do apagamento ou silenciar sobre aqueles fatos? Por que não existem monumentos que enalteçam a lutados trabalhadores canavieiros, ou mesmo pode-se perguntar por que os trabalhadores mortos não foram eternizados em nomes de ruas na cidade de Leme? Inquietações que reforçam a perspectiva da grande marcha empreendidas pelo progresso capitalista agrário paulista, em tornar vazio e homogêneo o tempo social no qual ele se estrutura, na conservação e no apagamento

constante das histórias das lutas sociais e nos espriamentos dos mares de cana.

Portanto, a busca por imagens de reminiscências pretendeu extrapolar a perspectiva curricular estática, da greve enquanto um instrumento de luta do passado. Justamente ao se apontar as forças sociais e instrumentos de luta anulados provisoriamente como se fossem do passado, mas que permanecem com potenciais de realização e perspectivas de um vir a ser, que constantemente é desacreditado no presente. Portanto, um futuro do passado que ainda não se realizou no presente.

Procurando resgatar as intenções que existiram a respeito do nosso presente, enquanto ele ainda era uma perspectiva de futuro, juntamente com as iniciativas malogradas da construção desse possível futuro, que hoje é o nosso presente é que se sabe que o presente, tal como ele é vivido agora, poderia ser outro.

[...]

Na tentativa de resgate dos desejos não realizados, é que o nosso presente pode dar ainda alguma resposta ao passado.

[...] lembranças de situações vividas que foram esquecidas, com a possibilidade de que essas reminiscências tragam significado, luminosidade, para o momento presente (PENIDO, 1989, páginas 64 e 65, grifos nossos).

Corroborando, nesta fundamentação teórica a perspectiva de Paul Ricoeur (2007), ao propor a valorização de elementos subjetivos na objetivação da história. Assim, tem-se a questão de que o processo de rememoração envolve tanto a busca por reminiscências coletivas, mas que explicitem os particularismos da trajetória de cada aluno, para construção de uma interpretação individual e que contribua coletivamente, na elaboração painéis de ideias (ANTUNES, 2010) e interpretações do fato histórico em tela.

[...] os gregos tinha dois termos, *mneme* e *anamnesis*, para designar recordação, *mneme*, para recordação como algo passivo[...]

[...] a abordagem pragmática da *anamnésia* propiciará a transição adequada da pergunta “o que?”, tomada no sentido estrito de uma investigação dos recursos cognitivos da lembrança, para a pergunta “quem?”, centrada na apropriação da lembrança por um sujeito capaz de se lembrar de si. (RICOEUR, 2007, p. 24).

Não se exclui deste processo, que a negativa de conhecimento dos alunos pode ser uma dimensão de um processo de silenciamento traumático empreendido pelos próprios sujeitos que participaram da greve, o que não implica no seu apagamento. Conforme sugerido por Silva “[...] à *negação dos momentos mais traumáticos do passado, sintoma de patologias coletivas ou individuais da memória e que se traduzem não pelo esquecimento, mas pelo silêncio*” (2002, p. 430).

Assim, a metodologia didática adotada implicou em dinâmicas pedagógicas que visaram à rememoração através de situação que permitiram à construção do conhecimento e ao mesmo tempo o acesso à memória, na gradual construção de murais de ideias (ANTUNES, 2010). Metodologia que priorizou a leitura e produção de textos, bem como a coleta de relatos orais. Buscou-se atentar aos estudantes, que esse processo tem por fundamento consolidar o conhecimento dos fatos a partir de diferentes dinâmicas, como o conhecimento sobre a metáfora do anjo da história, proposto por Walter Benjamin, a partir da obra *Angelus Novus* (1920), de Paul Klee, para compreensão da alegoria de que a ideologia do progresso no capitalismo traz incutida a ideia de marcha ou avanço linear, e que pouco se busca rememorar caminhos não trilhados, mas que foram iniciados, no embate com forças que busca

apagar vestígios dessas outras trilhas, ainda não realizadas.

A leitura de trecho do livro *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis (1996), sobre o encontro do personagem com Pandora, no relato de seu delírio, propiciou aos alunos a reflexão de que não basta serem expectadores passivos dos fatos históricos, e sim despertarem para suas inscrições enquanto sujeitos que fazem a história de seu tempo, e tem a necessidade de investigar lacunas, de histórias ainda não contadas, sobre o passado das lutas sociais de seu município.

A posterior vinculação do vídeo *Califórnia Brasileira*, de José Roberto Novaes e Francisco Alves permitiu aos estudantes o contato imagético com o passado de lutas e das forças sociais que as mobilizaram.

A leitura e análise de dez reportagens Folha de S. Paulo, que retrataram os fatos do dia 11 de julho de 1986, os quais tiveram repercussões nacionais no cotidiano da vida política brasileira, permitiu aos estudantes dimensionarem a importância de se impulsionarem na rememoração e esclarecimento dos fatos ocorridos durante a greve. Por último, a leitura coletiva do relatório de conclusão que processo judicial sobre os homicídios e repressões ocorridas no embate entre trabalhadores e polícia militar, possibilitaram a busca de narrativas implícitas e ainda não contadas, reforçada pelo processo inconcluso da justiça.

Portanto, atentou-se para permanente reatualização da visão dos sujeitos que investigam as possibilidades de permanência no presente, de elementos simbólicos que marcam a memória do passado da greve, e principalmente, que se buscasse projetar as reminiscências das memórias dos trabalhadores, as quais permanecem silenciadas.

III – Imagens que relampejam: a memória das lutas dos trabalhadores canavieiros no imaginário sociológico de estudantes secundarista.

Como apresentado, o projeto de rememoração das reminiscências das lutas sociais dos trabalhadores canavieiros, ocorreu dentro do projeto intitulado *Memória Viva das Lutas dos canavieiros de Leme*, desenvolvido em uma escola pública do município de Leme, em complementariedade a proposta curricular do Estado de São Paulo, para disciplina de Sociologia. Neste tópico busca-se fazer um relato, no sentido de sistematizar as ações pedagógicas, os principais desafios enfrentados e resultados atingidos.

As atividades desenvolvidas iniciaram em março de 2013, quando ministrava aula de sociologia no terceiro ano do ensino médio, ao se deparar com a proposta curricular de se abordar o texto de Engels: *The great towns*, que compõe o livro *The condition of the working class*, traduzido por Heloísa Helena Teixeira de Souza Martins, sobre a condição do operariado, na Inglaterra do século XIX. A proposta didática da atividade era que os estudantes elaborassem um texto que apontassem os direitos violados e possibilidade de luta política da classe trabalhadora, naquele contexto. Quando inqueridos sobre o conhecimento de lutas sociais empreendidas pelas classes trabalhadoras, do município de Leme, e se conheciam a história da greve dos canavieiros de 1986, houve interesse dos secundaristas. Um jovem relatou que ouvira histórias de seu pai, contudo não sabia explicar o que havia acontecido.

De forma breve, apontou-se que foi um importante movimento grevista de luta por efetivação na melhoria, nas condições de vida e trabalho dos canavieiros do município, com repercussões para vida política nacional. Passados vinte e sete anos, o processo penal com mais de mil páginas, era inconcluso sobre os acontecimentos que vitimaram dois trabalhadores, Orlando Correa e Sibebe Aparecida Manoel, em confronto com a polícia militar, no piquete realizado no dia 11 de julho de 1986. Para além de uma atividade de pesquisa escolar, em se propor que os estudantes buscassem outras informações, foi realizado o seguinte desafio, que os estudantes, iniciassem uma pesquisa social em identificar elementos simbólicos e matérias que ainda preservam as memórias daquele embate.

O primeiro desafio foi investigarem o nome da rua onde ocorreram os piquetes e os assassinatos dos dois trabalhadores. Como dica foi dado o nome do bairro. Para surpresa dos estudantes, os resultados apresentados na semana seguinte, a rua José Baldin, palco do conflito, teve o nome alterado para Joaquim Ortiz de Camargo. Um aluno inquiriu sobre um símbolo religioso, a imagem de uma Nossa Senhora, encrustada em um muro de uma casa na esquina da rua. Ao proceder com a comparação com fotos da época retratado nos jornais, foi possível verificar que tal simbologia é uma reminiscências que permanece como memória daqueles acontecimentos. Muitos alunos ficaram surpresos com essa descoberta, posto que naturalizaram aquela imagem apenas como um símbolo de devoção religiosa do catolicismo. Não sabiam a origem de sua história.

A partir desta experiência, despertou o interesse em se dar continuidade desse processo de rememoração em outras salas, dois segundos e três terceiros colegiais. A pouca maturidade dos adolescentes dos primeiros colegiais, impediu o desenvolvimento da atividade. Cabe destacar que a escola pública, está localizada no início de uma das vias que faz confluência com a rua que foi palco dos piquetes e do trágico conflito com a polícia. Os perfis dos secundaristas são de moradores dos bairros nas proximidades destas vias.

Para estabelecer uma periodicidade neste projeto, foram propostas atividades a cada quinze dias ou no mínimo mensais. Iniciou-se então o projeto com quatro salas, dois segundos colegiais e um terceiro colegial diurnos. Elaborada uma palestra inaugural na qual se apresentaram-se os conceitos de Benjamin sobre o materialismo histórico, principalmente, sobre a metáfora proposta com o anjo da história. Em uma das salas, um aluno ao pesquisar com celular imagens da alegoria do *Angelus Novus*, encontrou além da figura de Paul Klee, uma releitura do artista Graham Budgett, intitulada *The Angel of History, Der Engel der Geschite*, de 1987, a qual foi incorporada na apresentação nas demais salas. Nela a estrutura é mantida, o anjo empurrado violentamente pelo progresso, virado de costas para o futuro, contudo o progresso é simbolizado pela explosão do cogumelo nuclear. Essa simbologia mais forte, que despertou o entendimento crítico da marcha do progresso no capitalismo entre os jovens estudantes.

De maneira subsequente, foi proposto a leitura de trecho do Capítulo 7, da obra *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis (1996). Como uma síntese desta imagem do anjo da história, no diálogo entre Brás Cubas e Pandora, e a necessidade de se reatar não as origens dos séculos, como proposto na obra literária. Mas em se buscar outros caminhos não trilhados, impulsionados pelas lutas sociais, os motores da história da humanidade.

Outra atividade realizada foi a exibição do vídeo *Califórnia Brasileira e Guariba 1984*, de José Roberto Novaes e Francisco Alves. As imagens, principalmente, do segundo filme, trouxeram inquietações do significado da violência, engendrada pelo aparelho repressor do Estado, contra os movimentos grevistas. Para muitos estudantes foi fundamental a explicação do conceito de repressão nas sociedades

de classes sociais antagônicas. Quando no primeiro filme apareceram imagens da praça da matriz da cidade de Leme e das manifestações dos grevistas. Alguns secundaristas perguntaram da existência de filmes sobre a greve de Leme. Neste momento, foi realizado o convite para realizarem um documentário, já que dispõe de plataformas móveis, as quais permitem gravarem pequenos depoimentos. Entretanto, foi orientado que aguardassem. Para que construíssemos um processo de conhecimento prévio sobre a realidade da memória social que buscamos investigar.

Na etapa da leitura e análise das dez reportagens do jornal Folha de S. Paulo, que retrataram os fatos do dia 11 de julho de 1986. Utilizou-se o entendimento da concepção das forças sociais envolvidas numa situação de greve. E elaborado um pequeno roteiro de questões que orientou os alunos, quando da leitura deste material. Como diagnóstico identificou-se o resultado do questionamento dos secundaristas de qual força social partiu a violência física que desencadeou a mortes dos dois trabalhadores. As leituras de trechos do inquérito policial, no processo judicial, permitiram aos alunos, a composição sociológica de um quadro mais complexo das forças sociais atuantes no movimento grevista, apresentadas no próximo tópico.

IV- A rememoração da luta

No processo de rememoração em curso além dos referenciais teóricos apontados buscou-se contemplar as diretrizes de habilidade e competências presentes no currículo de sociologia do Estado de São Paulo, em fomentar atividades que desenvolvessem a interpretação e análise crítica de fatos e eventos históricos brasileiros, inscritos numa abordagem regional. Fortaleceu-se também o entendimento de diferentes formas de atuação política da população, as quais continuam legítimas nas lutas sociais. Buscou-se desenvolver a postura crítica frente aos conflitos sociais, as inequidades, de forma a reconhecer e identificar as principais reivindicações dos movimentos sociais contemporâneos.

A seguir, são apresentados resultados das memórias produzidas pelos estudantes, com base em composições de textos individuais, produzidos da interpretação da leitura coletiva de 10 reportagens do jornal Folha de S. Paulo (12 de julho de 1986) e trechos do relatório final do processo judicial. Também são apresentados os resultados da entrevista realizada por uma aluna com a avó maternal, que vivenciou o contexto, e outra entrevista, com o pai de um aluno, que era trabalhador canavieiro, e participou da greve.

Os resultados da leitura coletiva dos materiais selecionados para composição de ideias se deu através da didática inicial da leitura da explicação sociológica do conceito de greve, no livro "*Sociologia para o ensino médio*" de Tomazi (2007). Logo após, os alunos foram separados em grupos de até cinco, os quais ficariam conforme a sala, com uma ou duas reportagens. A atividade programa era para que respondessem questões:

- A) Quais as causas reivindicadas pelos trabalhadores para greve?
- B) Quais as forças sociais envolvidas?
- C) Por que a greve teve repercussão nacional e internacional?
- D) Por que ocorreram mortes?
- E) Quais os direitos fundamentais que ainda permanecem violados?

Desta dinâmica o quadro coletivo de ideias foi que a greve pautava reivindicações pela mudança na forma de aferição na produtividade do corte, de peso para metro linear.

A interpretação de que a greve ocorreu em três momentos:

- 1) fora iniciada fora de Leme, trazia também forças sociais em prol da reforma agrária;
- 2) a partir do momento que fora declarada ilegal, sugeriram os piquetes e incêndios em canaviais;
- 3) aumento da tensão social e chegada de políticos do Partido dos Trabalhadores com orientações e uso político da situação;
- 4) O direito humano ainda violado é a justiça moral e reparatória para os mortos no conflito, posto o resultado inconcluso do processo.

Da leitura dos trechos do processo judicial a atividade proposta foi a elaboração de um artigo de opinião, no qual buscou instigá-los a produzirem as memórias dos eventos. A seguir são transcritos alguns trechos destas redações:

Neste período a cidade de Leme-SP enfrentava problemas de incêndios nos canaviais, mas não se soube quem eram os autores, se os trabalhadores ou se os usineiros. E até os dias de hoje, 2013, não se desvendou quem foram os verdadeiros autores dos incêndios. [...]

[...] Sabe-se que a mudança dos tempos da ditadura militar para a democracia interferiu de certa maneira na greve, mas não se sabe até hoje de onde partiram os disparos, tanto os que fizeram vítimas fatais como os outros.[...]

[...] O nome da rua José Baldin foi apagado, mudado para apagar a história, por causa de ter ocorrido duas mortes durante o conflito.[...]

[...] Os piqueteiros que estavam em greve começaram as manifestações impedindo os funcionários que queriam trabalhar, colocando-se em frente aos veículos que levavam outros trabalhadores das usinas. [...]

[...] O Partido dos Trabalhadores entrou no meio do movimento da classe dos trabalhadores canavieiros, por que queriam os votos nas eleições, e hoje em dia (2013) não ficam a favor dos trabalhadores. [...]

[...] Usinas poderiam estar pagando para militares reprimir os trabalhadores grevistas. Os militares defendiam os interesses dos usineiros não dos trabalhadores, o que importava era o produto da cana de açúcar, pouco importava se os trabalhadores estavam em uma situação precária e ganhando mal. O importante era a produção. Os militares zelavam pela segurança dos trabalhadores rurais que estavam no ônibus, mas não por bondade e sim por interesse da usina. [...] Quem atirou nesses dois jovens? Um tiro tão perfeito nos dois jovens será que foi ou não um policial militar? Até hoje (2013) não sabemos quem foi o possível atirador! [...]

[...] Concluimos que na década de 1980 ainda havia muita repressão contra aqueles que lutavam por direitos, por isso houve um conflito entre policiais e grevistas, o Brasil estava passando por um processo político, onde havia ainda a ditadura militar, mas que caminhava para a democracia. (Trechos das redações dos estudantes secundaristas, Escola Estadual Newton Prado, Leme/SP).

Da análise a partir da composição de painéis de ideias pelos alunos, relatado, permitiu a composição de um quadro social complexo, que apontou para etapas nesse processo de greve. Primeiro, a greve partiu de fora do município, com influência direta entre os trabalhadores, que paralisaram as atividades no corte

de cana, e lutavam pela alteração na forma de pagamento. A decretação da ilegalidade da greve iniciou outra etapa, com a realização pacífica de disseminada de piquetes. O acirramento da tensão social, com o deferimento de *habeas corpus* favorável aos usineiros, contra os piquetes, e que exigia o aparato policial para impedi-los, levou ao último momento, em que, o conflito acabou ocorrendo.

Dos resultados das entrevistas coletadas produzidas, destaca-se o da T. (afro-descendente, 16 anos), aluna do segundo colegial que entrevistou a avó que presenciou os dias de movimento grevista. Do trecho é marcante sentimento de receio e silêncio. Como apontado na fundamentação teórica (SILVA, 2002, p.430), o silêncio sobre a greve de 1986, entre a população poderia ser motivado por uma negação e ocultação a momentos traumáticos da memória coletiva da cidade. Apontam-se alguns trechos que corroboram com essa perspectiva:

Bom, não me recordo de muito. Por ter sido há muito tempo, de pouca coisa, não me lembro da data, nem o dia da semana, porém me lembro de poucas coisas que vi e vivenciei.

Em um dia, eu minha vizinha Mercedes, estávamos andando à tarde em período de saída dos alunos da escola. Minha filha mais velha estudava na escola Coronel Augusto Cesar. Eu preocupada com minha filha fui ao seu encontro para buscá-la na saída da escola; pois já havia saído o relato que havia morrido um casal que participou da greve, eu fiquei muito preocupada com medo que minha filha sofre-se a repressão.

Não fazia muito tempo havia me mudado para o Bonsucesso, bairro onde moro.

Nessa tarde sai para busca-la; meu marido trabalhava nesse horário, ao invés de cortarmos caminho e ir por outro, resolvemos ir pelo lado de cima, pela a avenida, que levava a praça que estava acontecendo piquetes da greve.

Bom nós achamos que por ser mulher não sofreríamos repressão dos policiais, mas tudo foi um engano, passando pela praça alguns policiais nos cercaram, perguntando onde estávamos indo, eu respondi: "Estou indo ao encontro de minha filha que estava saindo da escola.", pensávamos que haveria compreensão por partes do policiais. Mas não foi o que houve, eles pediram que nos retirássemos imediatamente daquele local, com voz bruta e com arma em punho, pensei na hora como minha filha estava, e se sofreríamos violência, ficamos com muito medo.

Procuramos uma forma de sair dali, mentimos que morávamos ali perto, e disse que achava que meu marido havia ido buscar nossa filha, mas apenas queria garantir isso. Então, por isso que havia dito que ele ia buscá-la, pedi perdão aos policiais, e licença para saímos dali daquele local. Entramos na casa de uma conhecida minha, dizendo a eles (policiais) que ali e era onde morávamos. Ficamos muito assustadas, pois nós não estávamos participando de nenhuma greve. íamos ser punidas e violentadas sem nenhuma necessidade, e graças a uma mentira, que entrava em contradição a primeira história, conseguimos sair daquele local.

Como havia aconselhado meus filhos a não passarem por aquela rua, minha filha atendeu meu pedido e cortou o caminho, mas a preocupação era demais. Para podermos sair de lá, tivemos que sair de mansinho, e vir por outro caminho, ao chegarmos em casa ficamos com a consciência aliviada.

Me senti totalmente desrespeitada como mulher. Medo, não tem como resumir a sensação que tive naquela hora, desespero, mistura de vários sentimentos junto.

Por mais que não tivesse sofrido nenhuma violência, me senti como se tivesse. A gente que vivenciou essa greve sabe como foi, algumas famílias conhecidas dizendo que familiares havia sofrido violência. E chocante, duas pessoas mortas! Eram apenas pessoas lutando pelos seus ideais. (Entrevista D. , avó da aluna T. ,16 anos, afrodescendente, segundo colegial, grifos nossos).

O trecho transcrito aponta para o clima de tensão social que repressão policial impôs ao cotidiano, ao tentar acabar com o movimento grevista. Permanece a memória das mortes ocorridas pelo trágico conflito. Desta memória coletiva aponta a necessidade de se conhecer novos relatos de violências simbólicas sofridas por outras mulheres e crianças e que permanecem.

Outra entrevista realizada com o pai de um aluno do terceiro colegial permitiu acessar relatos de um participante ativo do movimento grevista dos canavieiros de Leme, de 1986. D. (41 anos, branco, paulista)

pai de Y. (17 anos, branco) iniciou no trabalho rural com 14 anos, como coletor de laranja. Aos 17 anos, por incentivo do irmão, começou no trabalho do corte de cana. Relatou que a greve dos canavieiros de 1986 foi deflagrada pela luta pelo pagamento por metro linear e não por peso, como até então era feito. Neste momento o peso não era aferido da cana cortada pelo trabalhador, mas retirado um caminhão do eito, o qual era pesado e servia como referência para todos os trabalhadores. O questionamento dos trabalhadores era que em algumas situações as canas colhidas eram “*pés de rolo*”, ou seja, canas-de-açúcar com pouco peso, e em geral havia sido entrelaçados pelo vento, o que tornava dificultoso o trabalho, e rendia pouco salário.

Na greve de 1986, o pessoal está reivindicando a mudança de tonelada para metro linear a forma de pagamento da cana cortada. Era pesado o caminhão. A usina pesava a cana e fazia uma média do peso, mas os trabalhadores queriam o controle (individual) por metro (da produção de cana cortada). Assim, o trabalhador saberia quanto iria ganhar. Porém se o trabalhador pegasse uma cana pé de rolo (toda deitada) não rendia o trabalho, dava bastante peso, mas o trabalhador não estava na usina para conferir. Outras vezes eles pegavam uma leira mais rala no meio do canavial e que dava menos valor no peso, por isso de lutar pela medição por metro. (D. 41 anos, branco, pai do aluno Y. (17 anos, branco) terceiro colegial).

Em outro trecho, é possível complementar a primeira transcrição, sobre o contexto de agravamento da tensão social. Frente ao acirramento das ações por parte do setor patronal, que conseguiu o posicionamento da ilegalidade da greve pela justiça do trabalho, as ações dos piquetes são narradas, e apresenta importante resistência dos trabalhadores, que difere das greves anteriores, como a de Guariba, quando em 1984, os canavieiros insurgiram em uma revolta popular.

Já tinham vários dias de piquete. Praticamente ficávamos quase toda a noite no piquete, algumas vezes revessávamos, para sempre poder ficar trabalhadores o dia todo no piquete. Às vezes íamos cinco horas da manhã parar os ônibus.

Entrevistador - Então havia vários turnos dos ônibus, ou melhor, os trabalhadores faziam turnos noturnos?

Não os trabalhadores só trabalhavam durante o dia, o piquete é que durava o dia todo. Tinha casos em que nos pousávamos no piquete, para segurar os ônibus irem trabalhar. Os piquetes ficavam nas várias saídas da cidade. Ocorriam vários piquetes simultaneamente. Não havia uma liderança, todos participavam. A gente ia com caminhonete ou os que morassem próximo iam ao piquete. A polícia acompanhou todos os piquetes, até que um dia que começou a invocar, que não podia mais segurar os ônibus, através dos mandantes das usinas (D. 41 anos, branco, pai do aluno Y. (17 anos, branco) terceiro colegial, grifos nossos).

Portanto, havia um estado de vigília constante por parte dos canavieiros. Os piquetes não duravam apenas as primeiras horas da manhã, mas toda a madrugada ou mesmo era contínuo, vinte e quatro horas de vigília, durante o período da greve. Na alvorada de 11 de julho, de 1986, em meio ao nevoeiro de inverno, ocorreram os fatídicos eventos do embate decorrente da repressão aos piquetes, que vitimaram Orlando Correa (Trabalhador Rural, Branco, 22 anos) e Sibeles Aparecida Manoel (Trabalhadora Doméstica, Negra, 17 anos). A representação do ex-trabalhador canavieiro sobre esse dia, pese embora não estivesse presente, aponta outra etapa da greve em que a participação de políticos dos Partidos dos Trabalhadores, ou pela Central Única dos Trabalhadores, buscavam criar elos com essa classe trabalhadora, com vistas ao voto, no pleito para o governo, que ocorreria no ano de 1987.

Eu não estava lá (Piquete de 11 de julho de 1986). Neste dia minha mãe não me acordou. Quando levantei já estava acontecendo. Um primo meu o V. participou até levou um tiro. No caso tinham os piquetes que até envolveram políticos do PT, como Genoíno, Bicuto,

Suplicy e até o Lula esteve aqui na cidade.

Mas quando surgem essas figuras políticas?

Depois que envolveu a polícia, por virem de fora. De Limeira, São Paulo, Sorocaba. No caso do casal que morreu eu não tive contato. Eles não faziam parte da greve. A polícia passava assim, se você estivesse no portão a polícia não pergunta, já partia para a agressão física. Minha mãe neste período ficou muito nervosa, pois eu e meu irmão trabalhávamos no corte, ele é um ano mais novo. No dia que aconteceu de soltarem bombas de gás lacrimogênio aqui no Bonsucesso, foi uma correria, a polícia não respeitava ninguém. Aí virou um conflito (social) todas às emissoras de televisão vieram para cidade. Mas também ocorreram reuniões, assembleias com o pessoal do sindicato, antes de se iniciarem os piquetes, chegaram a reunir mais de mil. Mas teve uma situação em que a polícia invadiu e começou a bater em todo mundo (D. 41 anos, branco, pai do aluno Y. (17 anos, branco) terceiro colegial, grifos nossos).

Interpretar o papel das forças sociais, neste processo, permitiu o avançar na consciência crítica dos estudantes sobre o momento político contemporâneo do país. Conclui-se das entrevistas e do questionamento dos trechos transcritos, que a verdade de possíveis lacunas e memórias ainda não foram acessadas nesta história, por exemplo, a indignação com o fato de que nunca se conseguiu chegar aos assassinos dos trabalhadores. Portanto, não ter havido justiça e sim um processo de apagamento e silenciamento da memória. Processo que impulsionou alguns dos jovens a contatarem pessoas que estiveram diretamente envolvidas com a greve ou presenciaram os acontecimentos do piquete, no trágico dia 11 de julho de 1986.

V – Conclusão

No presente artigo buscou-se apresentar discussões referentes ao processo de rememoração das lutas sociais dos canavieiros, na cidade Leme/SP. A partir de referenciais sociológicos e da história problematizaram-se os efeitos do processo de silenciamento nas recentes gerações de secundaristas sobre os significados daquelas lutas. Buscou-se fundamentar-se no referencial teórico e metodológico da pesquisa de reminiscências matéricas, simbólicas e de memória em se identificar as forças sociais anuladas provisoriamente no passado, mas que permanecem como potenciais de realização de perspectivas de um vir a ser, que constantemente é desacreditado no presente. Portanto, um futuro do passado que ainda não se realizou no presente. Principalmente, com os desafios que se avolumam, com a perspectiva do fim do trabalho canavieiro, e elevação da taxa de desemprego nas famílias de alguns destes estudantes. Pretende-se dar prosseguimento com a pesquisa, na produção do acesso a novas memórias, coletas em registros imagéticos, e que projetem os conteúdos desses conhecimentos, numa composição intergeracional, no campo de pesquisa da memória dos conflitos agrários no Estado de São Paulo, que envolveram trabalhadores canavieiros.

VI – Referência Bibliográfica

ANTUNES, Celso. Manual de Técnicas de Dinâmicas de Grupo de Sensibilização de Ludopedagogia.

Editora Vozes, 2010.

ARONI, Rafael. A Memória da greve dos canavieiros nos imaginários sociológicos de estudantes secundaristas no interior paulista. XVI Congresso Brasileiro de Sociologia, Salvador Bahia, 2013.

ASSIS, Joaquim Maria Machado de. *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. Série Bom Livro. São Paulo: Editora Ática, 1996.

BERTERO, J. F. . O embate entre o capital e o trabalho: as greves no meio agrário paulista na década de 1980. *Perspectivas Revista de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 17/18, 1995.

BENJAMIN, Walter. Sobre o Conceito de História, In:Obras Escolhidas. Trad. Paulo Sérgio Rouanet, São Paulo, ed. Brasiliense, 1985.

PENIDO, Stella. "Walter Benjamin: a História como Construção e Alegoria". In: O que nos faz pensar. *Cadernos do Departamento de Filosofia da PUC - Rio*, nº 1, junho 1989.

SILVA, Helenice Rodrigues da. "Rememoração"/comemoração: as utilizações sociais da memória. *Rev. Bras. Hist.*, São Paulo, v. 22, n. 44, 2002 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882002000200008&lng=en&nrm=iso>. access on 20 May 2013. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-01882002000200008>.

TOMAZI, N. D. *Sociologia para o ensino médio*. São Paulo, Atual, 2007.